

Marxismo e Ideologias Contemporâneas

Felipe Andrade *

Introdução

Seria possível um diálogo, aliado ao projeto autogestionário, com outras contribuições de correntes de pensamento que não possuem uma relação direta com o marxismo? Como também a assimilação de concepções denominadas de “marxismo” que foram posteriores a Marx, deformando-o ou mantendo a coerência, entre a emancipação humana e a radical transformação do modo de produção capitalista?

Essa é uma reflexão interessante que deveríamos responder a partir do pensamento marxista. Seria possível uma crítica e assimilação das ideologias contemporâneas, tais como aquelas apresentadas nos movimentos sociais mais recentes, como o movimento ecológico, movimento feminino, movimento indigenista, movimento pacifista, movimento negro, entre outras correntes de pensamento que possuem críticas a aspectos da vida social, e que não foram desenvolvidos pelo marxismo? Ou seja, a maioria desses movimentos sociais não colocam a perspectiva do proletariado e o marxismo enquanto instrumentos de luta revolucionária. Assim, como alguns aspectos críticos desenvolvidos por esses movimentos sociais mais recentes poderiam ser assimilados pelo marxismo e utilizado pelos grupos revolucionários?

Parece-me que a resposta só pode ser afirmativa. Como negar as contribuições de um modo de alimentação diferente como é apresentado no veganismo/vegetarianismo no que se relaciona com a preservação do meio ambiente que nos circunda, bem como as espécies animais de nosso planeta? Como não pensar em relações amorosas humanizadas, sem preconceitos, opressão, discriminação, às quais preservem a liberdade e autonomia das escolhas amorosas e sociais em sua plenitude? Em conjunto com uma crítica à família burguesa, o casamento e a prostituição? E negar a religiosidade, a fé do ser humano, em qualquer entidade, ritual místico, que lhe possa dar uma determinada forma de orientação em sua vida? Como se esquecer de alguns elementos do movimento feminino de crítica às relações sexistas que começam desde cedo, no processo de socialização, e são reproduzidas em todas os momentos de nossa vida, seja intencionalmente ou inintencionalmente? Ignorar o genocídio acometido pela humanidade em decorrência da expansão do capitalismo,

* Estudante de Ciências Sociais na Universidade Federal de Goiás.

promovendo a quase completa extinção da maioria das sociedades indígenas, destruindo seus valores, crenças, ideias, modos de vida etc.? E, por fim, o avanço inegável de algumas lutas das sociedades de capitalismo subordinado pela independência nacional (e, em alguns casos, assumindo um caráter revolucionário e internacional), principalmente, no continente africano e latino-americano? Tentaremos responder brevemente essas questões segundo o que entendemos por ética marxista, assimilação revolucionária e por fim fazendo um balanço breve do significado histórico do marxismo.

Ética Libertária Marxista

A ética se refere ao *ethos* (modo de ser) do indivíduo diante do mundo, dando um objetivo fundamental que dirige sua ação em situações concretas. Podemos discutir primeiramente a diferença entre ética e moral. A ética se refere aos princípios gerais, valores fundamentais dos indivíduos, e a moral possui como referência a ação dos indivíduos em uma situação concreta.

A distinção entre ética e moral encontra um sólido apoio no fato de que a ética nos remete aos princípios gerais que devem mover as ações humanas e a moral nos remete a uma preocupação com a questão do certo e do errado, da obrigação, etc., em uma situação concreta, ou seja, levanta este tipo de questão: é certo ou errado mentir para um amigo para evitar seu sofrimento? (VIANA, 2000, p. 128).

O fundamento da ética é a natureza humana e um projeto de vida, princípios que orientam seus valores e determinam a ação humana. A partir disso, levantamos uma nova questão: o que podemos compreender por natureza humana, o conteúdo universal da ética?

A natureza humana é o ser humano em seu processo vital. O processo vital do ser humano é comandado pela sua composição orgânica ou corporeidade. Assim, o ser humano sempre precisa satisfazer necessidades básicas (vitais) para sobreviver em qualquer ambiente natural. Na relação com a natureza o ser humano deve satisfazer suas necessidades de comer, beber, dormir, reproduzir etc. Como esse processo é social, criam-se a partir das novas necessidades, novas potencialidades, nas quais permitem a satisfação dessas necessidades vitais, através da sociabilidade, o trabalho e a consciência, nas quais são potencialidades especificamente humanas, diferente dos animais. Qual seria essa diferença?

O ser humano é um animal teleológico: ele coloca uma finalidade na produção antes de concretizá-la. Portanto, para satisfazer suas necessidades vitais, o ser humano desenvolve sua capacidade produtiva (o trabalho) e através desta

desenvolve todas as outras potencialidades (físicas e mentais) humanas e assim se 'humaniza' (VIANA, 2007a, p. 30).

No ser humano observamos que as potencialidades são conscientes ou inconscientes, o que o distingue dos animais que possuem potencialidades não-conscientes. Os animais as desenvolvem como resposta ao chamado "mundo exterior", e os seres humanos as desenvolvem através de impulsos internos e/ou pressões externas (VIANA, 2007a). No entanto a vida social pode ser prejudicial aos seres humanos devido às necessidades e potencialidades não serem satisfeitas, produzindo uma repressão a esses impulsos em determinadas condições históricas e sociais. A repressão provoca insatisfação e problemas psíquicos (inconscientes) e físicos (fome, miséria sexual, sede, falta de sono etc.).

Em suma, a natureza do ser humano corresponde a determinadas necessidades vitais que são comandadas por sua corporeidade (comer, beber, dormir, reprodução etc.). Temos também potencialidades que são as formas encontradas pelo ser humano, no intuito de satisfazer essas necessidades vitais, tais como a sociabilidade, o trabalho e a consciência. Por fim, existem necessidades "terciárias" que variam de cada época e sociedade, sendo divididas em autênticas e inautênticas. As necessidades autênticas ou inautênticas correspondem ao conjunto de necessidades vitais e potencialidades, designadas como necessidades radicais da natureza humana que são permanentes e universais, ou seja, podem mudar a forma e a direção de sua realização, mas precisam se realizar (VIANA, 2007a). Por exemplo, uma necessidade autêntica seria o amor¹, enquanto uma necessidade inautêntica seria o amor burguês. O amor corresponde a uma necessidade radical da sociabilidade humana, afeto e da felicidade pessoal, enquanto o amor burguês nega a felicidade, afeto e o ser humano enquanto ser social. É dessa maneira que podemos compreender a natureza humana.

¹ O que compreendemos por amor é próximo da concepção do autor Erich Fromm. O amor assim é uma atitude, uma orientação de caráter, que determina a relação de alguém para com o mundo como um todo. Existem diferentes formas de amar. O primeiro é o amor materno (incondicional) que está relacionado com o altruísmo, e o paterno (condicional) que é determinado por condições de merecimento. O segundo é o fraterno, o amor de amigos (as), que deve ser igualitário e pode ser entendido na famosa citação cristã: "ama o teu próximo como a ti mesmo". Por fim, temos o amor erótico que é um anseio de uma fusão completa, de união com uma outra pessoa. Assim, em nossa essência, o amor é uma faculdade e não uma relação reificada com uma pessoa como um "objeto" isolado, que você ama, sendo indiferente às demais pessoas. Portanto, o *amor inautêntico* é o chamado "amor burguês", idealizado; enquanto o *amor autêntico* deve ser compreendido como o dispêndio maior da capacidade de amar, do que ser amado. À medida que possamos compreender mais a nós mesmos, poderemos também, compreender o outro. Cf. Erich Fromm (2015), *A Arte de Amar*.

Portanto, a ética corresponde a uma relação com as atitudes na vida em unidade com o discurso e a ação, e é universal correspondendo a uma natureza humana. Toda ética deve ser uma ética concreta. Se acreditarmos em relações igualitárias, devemos agir de forma honesta com as outras pessoas, e não trapacear, roubar e por aí vai. Portanto, não adianta o discurso abstraído da realidade e uma atitude prática deslocada, contraditória, que deslegitima tal discurso.

Uma moral é exterior, imposta socialmente pela sociedade ao indivíduo. A moral sexual cristã, por exemplo, pode ser contraditória quando prega a religião cristã católica, em conflito com atitudes de desequilíbrio psíquico que podem ser manifestadas em perversões sexuais, como, por exemplo, a pedofilia, fenômeno presente entre padres que defendem o celibato (abstinência sexual), velada sob a hipocrisia de determinadas instituições religiosas. Nesse exemplo, o celibato pode ser defendido pelos indivíduos no nível do discurso, mas não ao nível da prática.

A moral dessa maneira é particularista, devido ao seu caráter externo, coercitivo que, na maioria das vezes, entra em contradição com uma situação concreta da vida. Enquanto isso a ética é universal, coloca uma unidade entre discurso e prática, vida e consciência, sendo que é a vida que determina a consciência, estando intimamente ligada aos valores fundamentais do indivíduo e à natureza humana.

Assim, em um segundo momento, a ética pode ser compreendida de forma humanista. Ela defende o valor da vida humana como fundamental, corresponde à natureza humana e, por isso, é universal. A ética é práxis, ação teleológica consciente (VIANA, 2000). No entanto existem inúmeros obstáculos que dificultam a efetivação concreta da ética marxista na sociedade capitalista, o que permite margem para situações concretas contraditórias em relação a ela. Portanto, a ética humanista libertária (perspectiva do proletariado), defende a emancipação humana, da liberdade, solidariedade, construção de relações humanas, a autogestão social² e o ser humano enquanto valor universal, o que constitui como o conteúdo do projeto da ética marxista. Logo, a ética humanista libertária (marxista) é contra a opressão e dominação de classe, as guerras, a violência, e tudo aquilo

² Cf. *Autogestão: Uma Mudança Radical*, Allain Guillerme e Yvon Bourdet. “A autogestão – ou seja, a organização direta da vida coletiva em todos os níveis, daí a supressão de um aparelho de direção separado da sociedade (e denominado Estado) – passou, sem dúvida, de uma utopia (o sonho de alguns pensadores) para uma realidade inscrita no coração da sociedade moderna, com – segundo vimos mais atrás – o aparecimento de uma nova classe social portadora (em potencial) desse projeto: o proletariado” (GUILLERM, Alain e BOURDET, Yvon, 1976, p. 97).

que possa constranger um indivíduo a fazer algo contrário à sua natureza humana e ao projeto autogestionário. O problema é que não será na nossa sociedade capitalista que a ética defendida será efetivamente concretizada. É possível dizer que existem inúmeros problemas, falhas, limites que são difíceis de serem superados. Podemos agir de maneira preconceituosa, egoísta, magoar outras pessoas e tudo que deriva de nossa condição como seres que vivem nessa sociedade e, por consequência disso, não podemos abstrair os problemas dela, pois erramos e erraremos várias vezes em nossa vida.

O importante dentro da ética marxista é manter uma convicção fundamental que coloque a coerência entre meios e fins, um núcleo ético permanente, que oriente as nossas ações segundo o valor fundamental da “emancipação humana, a libertação humana em geral, via condições concretas, via revolução proletária” (VIANA, 2000, 139). Ou seja, “não se trata aqui de qualquer transformação, mas sim da abolição efetiva da sociedade de classes e instauração de uma sociedade verdadeiramente humana” (VIANA, 2000, p. 142).

Portanto, a ética marxista possui a convicção fundamental da luta pela transformação da situação (modo de produção capitalista), o que justamente cria esses problemas, dentro da perspectiva proletária e um projeto de vida (autogestão social). Não é a preocupação com os “pobres”, “oprimidos”, o grau de crueldade que possa afetar em maior ou menor grau certos indivíduos na sociedade capitalista, pois a sociedade capitalista “generaliza a alienação e a infelicidade e, por conseguinte, não se trata de um problema somente dos outros, do ‘pobre’ mas nosso, de todos os indivíduos que vivem na sociedade capitalista” (VIANA, 2000, p. 141).

Acontece que a ética em duas correntes de pensamento citadas (citaremos apenas duas como exemplo), veganismo e na questão da mulher, pressupõe particularidades. O veganismo, por exemplo, defende os animais como uma espécie equivalente ao ser humano. Os veganos não comem carne animal de nenhuma espécie possível, um modo de alimentação distinto do hegemônico (consumo de carne). Portanto, a conduta ética é distinta, não apenas envolve a emancipação humana, como também a libertação animal, uma transformação radical na relação do ser humano com o ambiente natural em que vive. Por isso, ela possui diferenças com o marxismo, mas ao mesmo tempo, poderia ampliar o seu horizonte, também colocando a autogestão social como premissa para a mudança de um modo de vida que mude radicalmente a relação entre ser humano e os animais, o que pressupõe a transformação no modo de produção capitalista, abolição nas classes sociais, e não apenas uma mudança

individual no modo de alimentação. O veganismo e o vegetarianismo poderiam se aliar ao marxismo, sendo assimilado por este de forma crítica-revolucionária.

A questão da mulher também possui a sua particularidade. As mulheres são a outra face, homem e mulher fazem parte de uma mesma espécie que é o ser humano. O que o movimento feminino propõe é a crítica a determinados problemas históricos na sociedade de classes, tais como a crítica à linguagem sexista, ideologias sexistas, relações discriminatórias, socialização repressiva, relações sociais de prostituição, casamento, “patriarcado” etc. Assim, reivindica-se uma ética particular e não universal, defende a emancipação da mulher sem vínculo com a emancipação humana. Nas sociedades com localização no Oriente Médio, por exemplo, com predominância da religião islâmica esse problema fica evidente, ao observarmos casos da situação de mulheres que, em vários aspectos da vida social, são oprimidas pelos homens. Diante disso, as chamadas feministas apontam o problema da opressão nessa sociedade, mas ficam nos limites da crítica à cultura, casamento monogâmico, moral sexual repressiva, sem ir à raiz do problema: o modo de produção capitalista, as classes sociais, derivando daí os outros aspectos (religião islâmica que reforça o sexismo, socialização repressiva para a mulher, o estado que regulariza as relações sexistas através das leis etc.).

É dessa maneira que a questão da mulher se coloca como uma questão importante para a ética marxista, podendo também ser assimilada por este, sem deixar de lado o fundamental: a abolição das relações de classes, já que é esta que pode criar novas formas de sociabilidade (inclusive entre homens e mulheres).

Nesse sentido, podemos pensar a construção de uma ética marxista que poderia assimilar mais aspectos da vida social humana e não-humana na construção de uma sociedade humanizada. O que essas outras ideologias apresentam são éticas particularistas (a emancipação da mulher no caso do movimento feminino e a libertação dos animais no movimento de libertação animal) e também moralistas (a mudança como uma ação exclusivamente do indivíduo), que estão desvinculadas de um referencial universal que possa abranger a emancipação humana em sua totalidade. Portanto, dentro dos limites dessas éticas particulares, a ética colocada pelo marxismo é universal, pois que o seu referente (proletariado) é também universal, capaz de emancipar a humanidade em sua totalidade e também de abranger outras questões particulares (emancipação da mulher, dos animais).

Assimilação Revolucionária

Além disso, podemos pensar no significado de assimilação do marxismo de outros pensamentos elaborados na história da humanidade e no próprio significado do marxismo. O marxismo é expressão do movimento revolucionário autônomo do proletariado (KORSCH, 2008). Ele foi expresso dentro de um universo conceitual mais acabado por Karl Marx, dentro de condições históricas que possibilitaram o seu desenvolvimento, determinado, principalmente, pelas lutas do movimento operário. A Comuna de Paris em 1871 manifesta a primeira experiência concreta do proletariado enquanto classe social revolucionária, abolindo o estado e instaurando por poucos meses o auto-governo dos produtores. Além do movimento histórico que possibilitou o surgimento do proletariado, Marx teve como influência o socialismo utópico, a economia política inglesa, a filosofia alemã e as pesquisas históricas de lutas sociais concretas, que possibilitaram a articulação de um pensamento complexo, expresso em sua teoria revolucionária, análise do modo de produção capitalista, concepção dialética materialista, entre outros aspectos. Portanto, o marxismo foi a expressão do movimento real e histórico de classe do proletariado revolucionário, tendo em Karl Marx³ o seu principal representante teórico no século XIX.

Como colocamos anteriormente, o pensamento de Marx possuiu diversas influências (Hegel, Feuerbach, Adam Smith, Proudhon etc.) em sua elaboração. A diferença é que a leitura realizada por Marx destes autores se constituiu enquanto processo crítico-revolucionário.

(...) Crítica teórica e revolução prática, concebidas como duas ações indissociáveis, não num sentido qualquer da palavra ação, mas como a transformação concreta e real do mundo concreto e real da sociedade burguesa: estas duas expressões exprimem do modo mais preciso possível o princípio do novo método materialista dialético do socialismo científico de Marx e de Engels (KORSCH, 2008, p. 61).

Marx não apenas compreendeu os autores que leu como os deixou a uma "crítica roedora dos ratos", assimilando apenas os aspectos que colaborassem com o núcleo central de seu pensamento, a perspectiva do proletariado e a teoria da revolução. Podemos chamar esse processo de assimilação, manifestação do aspecto ativo da consciência, enquanto

³ Houveram outros representantes do movimento operário no século XIX, não se restringindo exclusivamente à figura de Marx. Contudo, a maioria dos chamados "socialistas" dessa época possuíam limites já amplamente criticados por Marx no *Manifesto Comunista* (1999). Os chamados "socialistas reacionários", "socialistas burgueses" ou "socialistas utópicos" não expressaram a perspectiva do movimento revolucionário do proletariado e, portanto, possuem diferenças fundamentais com o projeto político do comunismo proposto por Marx, bem como o seu pensamento.

trabalho como práxis, objetivação. Portanto, a assimilação realizada por Marx deve ser pensada em todo o processo de consciência desenvolvida pelo autor em sua vida. Foi através de sua formação teórica e na sua vida prática que ele desenvolveu as suas leituras, experiências de lutas concretas e realização de críticas à sociedade existente, o que é manifestação de ideias, concepções, experiências, valores, sentimentos, perspectiva de classe, ethos etc. Assim, a leitura assimiladora (crítica-revolucionária) também pressupõe "rejeitar o que é oposto ou integrar elementos parciais transformando-os no sentido de lhes adaptar e fornecer-lhes coerência na sua consciência" (VIANA, 2000, p. 169). Ou seja, Marx rejeitou a concepção de natureza humana abstrata isolada em Feuerbach, transformando em um ser social, ou integrou elementos da teoria valor-trabalho na economia política clássica, revelando a exploração da classe capitalista devido à sua perspectiva proletária, ética humanista universal, bem como determinados valores, interesses etc. dentro de um discurso coerente e articulado, superando teoricamente todo o conhecimento burguês produzido, como bem assinala Karl Korsch sobre os três momentos de superação teórica:

(...) Três ordens diferentes de razões nos autorizam a falar de uma superação do ponto de vista filosófico. Primeiro, o ponto de vista teórico em que Marx se coloca agora está em oposição não apenas parcial às consequências, mas em oposição geral aos princípios orientadores de toda a filosofia alemã precedente – da qual Hegel, para Marx e Engels, era o representante maior. Em segundo lugar, esta oposição não era somente uma oposição à filosofia, no fundo a cabeça ou o complemento ideal do mundo existente: era uma oposição à totalidade deste mundo. Finalmente, e sobretudo, esta oposição não era puramente teórica: era, simultaneamente, prática e ativa (KORSCH, 2008, p. 49).

Assim, o marxismo é uma “teoria da revolução social que abrange, na sua totalidade, todos os domínios da vida social” (KORSCH, 2008, p. 46). Dessa maneira, as leituras sobre o movimento feminino, ecológico, pacifista, negro, entre diversas outras questões, devem ser vistas sob a análise marxista, que expressa teoricamente, o proletariado como classe revolucionária, e não aspectos desligados dessa classe. É somente com o proletariado que podemos apontar a possibilidade de transformação radical da sociedade capitalista, pois ele é a única classe (e não grupos, movimentos sociais ou outras classes exploradas) que se mostra capaz mediante o desenvolvimento de sua consciência de classe, tornada tendencialmente prática, a possibilidade histórica de superação dos limites da sociedade burguesa (KORSCH, 2008).

Marxismo: Balanço Crítico e Método Dialético

As perguntas que colocamos dizem respeito a toda uma produção histórica colocada após a morte de Marx, em 1883. Karl Marx não era infalível, vidente ou conseguiu estudar todos os fenômenos possíveis da história da humanidade. Apesar de sua vasta erudição, valores, sentimentos e formação teórica, ele deixou lacunas, equívocos e pesquisas sem aprofundamento em seu pensamento. Podemos citar a teoria das classes sociais, pouco desenvolvida por Marx, a questão da mulher apontada brevemente em um ou outro trecho⁴, e outras contribuições que, devido ao seu tempo curto de vida, dificuldades financeiras, pessoais etc., não foram aprofundadas, como uma teoria do estado e crítica às várias formas sociais presentes na “superestrutura”. O contexto histórico também é fundamental, pois vários movimentos sociais, bem como questões posteriores, surgiram apenas no século XX, tais como o movimento ecológico e o movimento negro, ficando apenas em dois exemplos.

Assim, como todo autor humano limitado pelo seu tempo curto de vida, Marx foi também um autor de sua época. No entanto, com o desenrolar da história, a influência de seu pensamento se tornou uma referência para o movimento operário, guia imprescindível para a revolução proletária, e a partir dele houve o surgimento de inúmeros outros autores, que, ora foram um retrocesso se auto-intitulando “marxistas” (Lênin, Kautsky, Stálin, Trótsky, Althusser, Mao-Tsé Tung), ora trouxeram novas contribuições realmente coerentes com o marxismo (Rosa Luxemburgo, Anton Pannekoek, Paul Mattick, Karl Korsch, Guy Debord, Maurício Tragtenberg, Nildo Viana).

Ao lado do marxismo também houve o surgimento de outras correntes não necessariamente marxistas, tais como Saussure, Lévi-Strauss, Foucault, Bourdieu, Sigmund Freud, entre inúmeros outros, que sempre permanecem com maior ou menor proximidade com o pensamento de Marx, o que demonstra seu caráter mais ou menos crítico em relação ao marxismo. Dessa maneira, todo esse leque de autores pode sem dúvidas contribuir

⁴ Por exemplo, na obra *Manifesto do Partido Comunista* temos um apontamento: “O burguês vê na própria esposa um simples instrumento da produção. Ouve dizer que os instrumentos de produção devem ser explorados em comum e só pode naturalmente pensar que o mesmo uso em comum atingirá também as mulheres. Não suspeita que se trata precisamente de abolir a posição das mulheres como simples instrumentos de produção. (...) O casamento burguês é, na realidade, a comunidade das mulheres casadas” (MARX, 1999, p. 84). E na obra *Sagrada Família* critica a socialista Flora Tristán, “Flora Tristan dá-nos um exemplo deste dogmatismo feminino que, ao querer uma fórmula, a compõe a partir das categorias do existente” (MARX, s/d, p. 29). Apontamentos breves (entre outros que existem) que podem ser desenvolvidos, aprofundados, teorizando uma crítica à condição da mulher na sociedade capitalista dentro de uma perspectiva revolucionária a partir do pensamento de Marx.

também com a teoria marxista, não sendo puramente ideologias burguesas, e devem ou podem ser lidos de forma não dogmática⁵, crítica-revolucionária.

Portanto, o interesse da teoria marxista é enriquecer cada vez mais seu arcabouço teórico no sentido de possibilitar ferramentas para a luta revolucionária do proletariado e sua auto-formação, no âmbito político, cultural; isto é, não apenas impulsionar as suas lutas frente às organizações burocráticas, a repressão estatal e a classe capitalista, como também avançar no conhecimento acerca da realidade existente.

A dialética materialista é um recurso heurístico que pode ser sempre enriquecido com novas contribuições dos militantes revolucionários. Diferente dos paradigmas funcionalista, estruturalista, entre outros, que criam modelos para aplicar à realidade, ou subsumem a realidade a um modelo *a priori*. A dialética materialista:

Não é um modelo e sim um conjunto de categorias relacionadas que são extraídas da realidade e servem de 'guia' para analisá-la. Entretanto, este recurso heurístico não é normativo e sim apenas uma proposta provisória que deve ser verificada na realidade concreta (VIANA, 2007a, p. 100).

Dessa maneira, o recurso heurístico pode ser sempre reavaliado, acrescentando novas determinações no confronto com a realidade. É a realidade, o movimento histórico concreto que determina a dialética marxista, não podendo ser um pensamento dogmático, engessado e, portanto, expressão da burocracia, burguesia, das classes privilegiadas em geral.

O marxismo propõe a dissolução da sociedade de classes, o fim da divisão social do trabalho e também a sua própria razão de existência enquanto expressão revolucionária do proletariado, pois este deixará de existir, dando lugar à livre associação dos produtores (auto-governo dos produtores) e possibilitando um conhecimento realmente amplo da realidade, em que coincida a aparência e a essência, fazendo com que a ciência seja supérflua.

Assim, no marxismo o fundamental é a luta de classes, o projeto revolucionário e a perspectiva do proletariado. O elitismo intelectual, a ciência, a atitude acrítica diante das ideologias é uma atitude muito comum aos intelectuais conformados pseudomarxistas e burgueses que seguem os modismos acadêmicos. Eles também desaparecerão no processo revolucionário. Até lá o questionamento desapiedado dessa sociedade existente e a reflexão

⁵ Cf. Para uma Leitura Não-Dogmática: <http://informecritica.blogspot.com.br/2011/01/para-uma-leitura-nao-dogmatica-nildo.html>.

serão portas abertas sem fim, exercício permanente nessa sociedade de classes que vivemos. Um caminho que nunca deixará de ser percorrido até a derrocada do modo de produção capitalista. O marxismo propõe uma coerência entre meios e fins (ética libertária) e dessa maneira uma assimilação revolucionária das ideologias burguesas, do pseudomarxismo, entre outras concepções intelectuais, em um combate, que possa finalmente superar e suprimir não apenas no plano teórico, como simultaneamente à total transformação social, no plano prático, da sociedade existente e de suas bases econômicas (KORSCH, 2008).

Referências Bibliográficas

FROMM, Erich. *A Arte de Amar*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

GUILLERM, Allain e BOURDET, Yvon. *Autogestão: Uma Mudança Radical*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MARX, Karl e FRIEDRICH, Engels. *A Ideologia Alemã*. 3ª ed. São Paulo: Martins fontes, 2007.

MARX, Karl e FRIEDRICH, Engels. *A Sagrada Família. Ou a crítica da crítica crítica Contra Bruno Bauer e Consortes*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença, Martins Fontes, s/d.

MARX, Karl e FRIEDRICH, Engels. *Manifesto do Partido Comunista*. 9ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

VIANA, Nildo. *A Consciência da História*. Ensaios sobre o Materialismo Histórico-Dialético. 2ª edição. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007a.

VIANA, Nildo. *Escritos Metodológicos de Marx*. 3ª ed. Goiânia: Alternativa, 2007b.

VIANA, Nildo. Para uma Leitura Não-Dogmática, 2011. Disponível em: <http://informecritica.blogspot.com.br/2011/01/para-uma-leitura-nao-dogmatica-nildo.html>. Acesso em: 20 de jan. 2017.

VIANA, Nildo. *Práxis, Alienação e Consciência*. In: VIANA, Nildo. *A Filosofia e sua sombra*. Goiânia: Edições Germinais, 2000.

VIANA, Nildo. *Reflexões Sobre Ética*. In: VIANA, Nildo. *A Filosofia e sua sombra*. Goiânia: Edições Germinais, 2000.